

LUTA MARAJOARA EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO FORMAIS¹

Welison Alan Gonçalves Andrade,

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Carlos Afonso Ferreira dos Santos,

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rogério Gonçalves de Freitas,

River East Transcona School Division (RETSD)

RESUMO

A pesquisa objetivou discutir qual a percepção de coordenadores de academias de ginástica sobre a atuação de lutadores, sem formação acadêmica, para o ensino de lutas em espaços de Educação Física não formais. Foi realizada entrevista semiestruturada com coordenadores de duas academias de Belém-PA. Conclui-se que o ensino da Luta Marajoara em espaços de Educação Física não formais pode ocorrer por meio da atuação de lutadores que possuem conhecimento das características, técnicas e demais aspectos desta luta.

PALAVRAS-CHAVE: luta marajoara; espaços não formais; formação acadêmica.

INTRODUÇÃO

Educação não formal diz respeito àquela que mobiliza indivíduos ao aprendizado durante processos de socialização na família, com amigos, em bairro, clube, espaços de lazer etc. O aprendizado, dessa forma, ocorre habermasianamente falando, “no mundo da vida”², por meio de processos de compartilhamento de experiências, sobretudo em espaços e ações coletivas ocorridas no cotidiano; e volta-se para a formação de cidadãos livres, emancipados, repleto de direitos e deveres (GOHN, 2014). Educação não formal é, portanto, um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania que designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes e envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas diversificados, além de múltiplos programas e projetos sociais.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² O termo “mundo da vida” é uma das categorias da Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas. Nesse sentido, utilizamos a citação de Gohn (2004) fazendo questão de destacar processos comunicativos ensinados entre atores sociais.

Nos espaços educativos não formais, especialmente aqueles voltados ao ensino das lutas, é comum encontrar praticantes dedicados a uma modalidade por muito tempo atuando como professores, mesmo sem formação acadêmica (GOMES, 2008). Além de comum, esta atuação, aparentemente, revela-se favorável para o ensino de lutas ausentes e/ou pouco (re)conhecidas em espaços de Educação Física não formais, como a Luta Marajoara.

Por ser legitimamente brasileira, a Luta Marajoara apresenta características regionais históricas, culturais e tradicionais (CAMPOS; PINHEIRO; GOUVEIA, 2019) que a permitem permear diferentes âmbitos de atuação do professor de Educação Física, sejam eles formais ou não. Contudo, por possuir estudos incipientes, ser pouco conhecida, além de ser ausente no currículo de formação docente em Educação Física (SANTOS; GOMES; FREITAS, 2020), até mesmo como conteúdo de escolas marajoaras (SANTOS, FREITAS, 2018), a Luta Marajoara indica também ausência em espaços de Educação Física não formais, mesmo possuindo praticantes dedicados a modalidade, especialmente no Arquipélago do Marajó, onde é tradicionalmente praticada.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa faz a seguinte pergunta: de que forma os praticantes de Luta Marajoara podem contribuir para seu ensino em espaços não formais da Educação Física?

O objetivo foi discutir qual a percepção de coordenadores de academias de ginástica sobre a atuação de lutadores, sem formação acadêmica, para o ensino de lutas em espaços de Educação Física não formais. Para responder à questão lançada, metodologicamente buscou-se realizar entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2010) com dois coordenadores de academias de ginástica, localizadas em Belém-PA, identificados como CO1 e CO2, selecionados por atuarem em espaços de Educação Física não formais.

O ENSINO DE LUTAS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO FORMAIS

A atuação do professor de lutas sem formação acadêmica em espaço de Educação Física não formais, além de ser comum é, também, tradicional: “[...] imagina tu tirar um mestre que está há 30 anos dando aula e falar ‘Ah, vai cursar uma Educação Física’, um cara de 80 anos’ (CO1). No âmbito das academias de ginástica investigadas, a formação acadêmica não é, portanto, uma exigência para professores que trabalham há muito tempo com o ensino das lutas.

Contudo, no relato de um dos coordenadores entrevistados, constatou-se que a formação superior é, atualmente, um dos requisitos exigidos para a contratação de novos professores de lutas:

Hoje eu busco a formação de nível superior, uma pessoa que seja do ramo da Educação Física e que tenha a graduação da arte que ele pretende lecionar. A gente ainda não tem o quadro completo dessa forma. Hoje a maioria dos profissionais são artistas marciais, não educadores físicos. Alguns já estão buscando essa complementação como educador e eu vejo muito isso para o futuro da profissão [...] porque o desenvolvimento acadêmico acaba por melhorar o desempenho da arte, ou seja, a arte marcial é a prática, mas a graduação ela te ensina a como lecionar essa prática (CO2).

A preocupação na composição do corpo de profissionais na academia coordenada por CO2 expressa sua intenção em dispor de professores formados em Educação Física capazes de aprofundar, em termos pedagógicos e científicos, o trabalho com as lutas. Para este sujeito, a formação acadêmica tem por objetivo “melhorar o desempenho da arte”, percepção que vai ao encontro de Fett e Fett (2009) quando alertam sobre o papel desempenhado pelos conhecimentos científicos e pelos referenciais teóricos e práticos nas atividades com lutas, seja na perspectiva da saúde ou do alto rendimento; aspectos academicamente tratados na área da Educação Física.

Por outro lado, ressalta-se que lutadores dedicados a muito tempo a uma modalidade podem contribuir para a o ensino de lutas ausentes nos espaços de Educação Física não formais, como academias de ginástica, mediante os conhecimentos das características, técnicas, historicidade e filosofia destas lutas. Tomamos o exemplo da Luta Marajoara que não está presente no currículo de formação docente em Educação Física (SANTOS; GOMES; FREITAS, 2020) e em outros espaços formais e não formais (como nas academias investigadas por esta pesquisa), mas que possui lutadores que conhecem seus fundamentos e aspectos culturais e históricos e, por esse motivo, podem contribuir para o ensino desta modalidade.

LUTA MARAJOARA: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E FORMAÇÃO ACADÊMICA

Consideradas as compreensões de coordenadores das duas academias investigadas, ressalta-se que, para o ensino das lutas, a possibilidade dos professores se inclinarem aos

conhecimentos construídos durante sua trajetória profissional e formação como lutadores se apresenta como base legítima para o ensino, nos espaços de Educação Física não formais, de modalidades ausentes como a Luta Marajoara.

O fato da Luta Marajoara se mostrar ausente em currículos de formação docente em Educação Física (SANTOS; GOMES; FREITAS, 2020) colabora com a carência de apropriação dos saberes por parte daqueles (lutadores ou não) que anseiam buscar no conhecimento acadêmico-científico base mais sólida para seu trabalho profissional.

Até aqui existiram duas perspectivas de formação do professor que lida com o ensino das lutas em âmbitos de Educação Física não formais. A primeira delas se refere à ausência de formação superior dos referidos professores; a segunda, a formação acadêmica insuficiente ou incompleta para o trabalho com certas lutas, dentre as quais a Luta Marajoara.

Falcão (2004, 2006) traz elementos importantes para o referido debate. Ao discutir a pedagogia da capoeira, o autor revela que seu início se deu em espaços educativos não formais, reiterando que essa mesma pedagogia se vincula indissociavelmente às condições materiais e ao contexto vivido por seus mestres. O contexto de ensino informal da capoeira, a partir do relato do Mestre Waldemar, presente no estudo do autor, buscou nos fundamentos tradicionais desta prática corporal brasileira (jogo em roda, tesoura, chibata) elementos para seu desenvolvimento.

Ao refletir sobre a internacionalização do jogo da capoeira, Falcão (2006) detalhou sua expansão no mundo globalizado e a densidade que adquiriu na Europa, destacando a falta de informação sobre o significado que tinha para aqueles com oportunidade de conhecê-la. O relato das experiências do mestre Umoi, apresentado pelo referido autor, é significativo do ponto de vista da difusão que a capoeira teve no exterior. O mesmo revela as resistências em relação a seu desenvolvimento em Portugal no princípio, levando em conta a necessidade de ministrar aulas às crianças nas ruas como estratégia de convencimento em prol de sua prática. O “trabalho da capoeira”, sujeito que se utiliza da capoeira como instrumento de trabalho no mercado não formal (FALCÃO, 2006), busca nos saberes da tradição, portanto, fonte para sua prática.

De modo similar, a Luta Marajoara, ao encontro dos estudos de Falcão (2004, 2006), demanda de difusão a qual perpassa os saberes da tradição e dos contextos vividos de seus “mestres”. A possibilidade encarnada atribuí a esta luta brasileira certa independência dos

saberes acadêmico-científicos elaborados, cabendo aos conhecimentos tradicionais de seus praticantes, por ora, assumirem lugar de destaque nas práticas não formais com a luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados conclui-se que os praticantes de Luta Marajoara podem contribuir para o ensino desta modalidade em espaços de Educação Física não formais, mediante o conhecimento das características, técnicas e outros aspectos desta luta, mesmo sem possuir formação acadêmica em Educação Física.

Ressalta-se, todavia, a necessidade de avanço do campo da formação acadêmica em Educação Física quanto à difusão do conhecimento da Luta Marajoara. Sublinha-se, também, a importância de referenciais teórico-metodológicos para o ensino das lutas, tratados durante a formação acadêmica em Educação Física.

O ensino da Luta Marajoara em espaços educativos não formais é relevante, pois indicaria um avanço com relação ao conhecimento e prática desta luta. Por tal motivo, na possibilidade de existência de um cenário ainda carente de professores com apropriação teórico-prática da Luta Marajoara, são legítimas as experiências de professores que dispõem de conhecimentos tradicionais acerca desta luta.

MARAJOARA FIGHT IN INFORMAL EDUCATIONAL SPACES

ABSTRACT

The research aimed to discuss the perception of fitness clubs coordinators about the performance of fighters, without academic training, for the teaching of fights in informal educational spaces. A semi-structured interview was carried out with coordinators and fight teachers from two fitness clubs in Belém-PA. It is concluded that the practitioners of Marajoara Fight in informal educational spaces can occur through knowledge of the characteristics, techniques and other aspects of practitioners of this fight.

KEYWORDS: *marajoara fight; informal educational spaces; academic education.*

LUCHA MARAJOARA EN ESPACIOS EDUCATIVOS INFORMALES

RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo discutir la percepción de los coordinadores de gimnasios sobre el desempeño de los luchadores, sin formación académica, para la enseñanza de peleas en espacios educativos informales. Se realizó una entrevista semiestructurada con coordinadores y profesores de lucha de dos gimnasios en Belém-PA. Se concluye que la enseñanza de Lucha Marajoara en espacios no formales de Educación Física puede darse a través del conocimiento de las características, técnicas y otros aspectos de los practicantes de esta lucha.

PALABRAS CLAVES: *lucha marajoara; espacios educativos informales; formación académica.*

REFERÊNCIAS

CAMPO I. S. L.; PINHEIRO C. J. B.; GOUVEIA A. Modelagem do comportamento técnico da luta marajoara: do desempenho ao educacional. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. v. 27, n. 2, 2019.

FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 393 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FALCÃO, J. L. C. O jogo da capoeira em jogo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 59-74, jan. 2006.

FETT, C. A.; FETT, W. C. R. Filosofia, ciência e a formação do profissional de artes marciais. **Motriz**, Rio Claro, v. 15 n. 1 p. 173-184, jan./mar. 2009.

GOHN, M. G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, Porto, v. 2, n. 1, p. 35-50, 2014.

GOMES, M. S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades**. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MINAYO, M. C. de S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: LOBIONDO-WOOD, G. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261-297.

SANTOS, C. A. F.; FREITAS, R. G. Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2018.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

SANTOS, C. A. F.; GOMES, I. C. R.; FREITAS, R. G. Luta Marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do Estado do Pará. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-24, jan./mar. 2020.

